

2. A *Ars Antiqua* ocupa-se principalmente em estabelecer diversas formas rígidas de composição, entre as quais se destacam o *motete* ou o *conduto*. Situa-se nesta época, a descoberta do cânone, com o famoso *Summe is icumen in*, embora esse ponto seja controvertido para certos musicólogos. A maioria das obras é a três vozes, mas encontramos motetes a duas vozes e mais raramente a quatro. A *Ars Nova* é um dos períodos mais brilhantes do movimento polifônico; produziu-se uma evolução muito rápida, graças à descoberta da notação proporcional; a este período estão associados os nomes de grandes teóricos como Philippe de Vitry e o de um dos maiores compositores de todos os tempos, Guillaume de Machaut. Assistimos, então, a uma diferenciação rítmica e melódica das vozes; os desenvolvimentos fazem-se mais variados e flexíveis, graças à maior sutileza melódica e a uma flexibilidade rítmica que ainda hoje se apresenta surpreendente em mais de um aspecto. O resultado vertical das combinações contrapontísticas torna-se mais rico também pelo maior emprego dos acordes perfeitos; o estabelecimento de "cláusulas conclusivas" assegura, por outro lado, uma espécie de início de fundamento harmônico dos desenvolvimentos. Começa-se a encontrar certos empregos da imitação de uma voz a outra. A música de Machaut demonstra uma complexidade, uma sutileza e um requinte notáveis; ele tinha um domínio total, tanto no campo do contraponto melódico quanto no do contraponto rítmico; essa música representa um marco capital na evolução da música europeia.

3. Essas tendências iriam se desenvolver ainda mais no século seguinte com o emprego lógico da imitação como principal meio para ligar as diferentes linhas contrapontísticas por figuras sonoras características. Depois de Dunstable e Dufay, a imitação é explorada de modo cada vez mais elaborado por Ockeghem, Obrecht e Josquin des Prés. A estrutura do cânone é codificada e é particularmente, na obra de Ockeghem, que se encontram os mais espantosos exemplos. Mas uma complexidade muito grande leva a uma desastrosa escolástica: é por isso que um bom número de músicos dessa época estão hoje em dia esquecidos. O final do século XVI deveria levar a uma evolução referencial a um virtuosismo sem igual, tanto que se faz frequentemente referência à Idade de Ouro dessa disciplina. Produziu-se uma evolução que levou os compositores a se preocuparem cada vez mais com o aspecto harmônico dos encontros, a princípio para articular claramente por meio de cadências as diversas partes do discurso musical e para melhor diferenciar as notas que constituem um acorde das notas de passagem ou dos retardos. Essas preocupações verticais iriam minimizar cada vez mais a sutileza rítmica dos velhos mestres; houve para isso outras causas mais exteriores como a inteligibilidade do texto